

# BJIR

## Brazilian Journal of International Relations

Edição Quadrimestral | volume 1 | edição nº 3 | 2012

*Miscelânea sobre a paz*

Johan Galtung

 Igepri  
Instituto de Gestão Pública e  
Relações Internacionais

 unesp  
Universidade Estadual Paulista  
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),  
EBSCO Publishing e Latindex

**“Miscelânea sobre a paz”\***Johan Galtung<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto colige três pequenos textos do pensador norueguês das relações internacionais Johan Galtung, que abordam seus recidivos temas da paz, da pesquisa sobre a paz e dos direitos humanos. O primeiro texto trata de uma homenagem pelos 20 anos da morte do estadista social-democrata alemão Willy Brandt (1913-1992), por cuja política para com o Leste Europeu no final dos anos 1960 (Ostpolitik), que levava à distensão com aqueles países, e futuramente à unificação alemã, recebera o prêmio Nobel da Paz em 1971. O segundo texto apresenta o projeto Hexágono TRANSCEND, cujo objetivo é estudar a geopolítica hexagonal contemporânea, considerando que os grandes polos geopolíticos do mundo atual seriam os EUA, a UE, a Rússia, a China, a Índia e a OMC, todos os quais possuidores de aspectos negativos e positivos, cujo estudo deverá se basear no método triádico diagnóstico-prognóstico-terapia. O terceiro texto foi escrito para o 6º Fórum Social, dedicado à discussão dos 10 artigos da Declaração das Nações Unidas sobre o Direito ao Desenvolvimento (1986), focado no tema dos direitos humanos.

**Palavras-chave:** Temas da paz, Direitos Humanos, Declaração das Nações Unidas

**Abstract:** "This paper group three short texts wrote by the Norwegian international relations thinker Johan Galtung, who brought up the peace theme, researching peace and human rights. The first text is about a tribute to the 20th death anniversary of Willy Brandt (1913-1992), German social-democrat statesman, whose policy for the east Europe in the end of 60s (Ostpolitik), which brought dissention to east European countries, and, in time to come, the German unification, received the Nobel prize in 1971. The second text presents the hexagon project TRANSCEND, whose objective is study the contemporary hexagonal geopolitics, considering that the world's great geopolitics core would be USA, UE, Russia, China, India and the WTO, all bearers of positive and negative aspects, based on diagnoses-prognoses-therapy triadic method. The third text was written to the 6th Social Forum, meeting dedicated to discuss the 10 articles of the United Nations Declaration on the right to development (1986), focusing the human rights theme."

**Key-words:** Themes Peace, Human Rights, UN Declaration

---

\* Agradecemos a Johan Galtung e a Antonio C.S. Rosa pela cessão dos direitos de publicação desta miscelânea de textos, aqui editados sob a responsabilidade da *BJIR – Brazilian Journal of International Relations*.

<sup>1</sup> Johan Galtung é um teórico norueguês clássico das relações internacionais, professor de estudos da paz, reitor da TRANSCEND Peace University-TPU e autor de mais de 150 livros sobre a paz e estudos relacionados ao tema.

## 1. Willy Brandt vinte anos depois<sup>2</sup>:

Morreu há já vinte anos o grande estadista alemão. A Alemanha, a Europa e o mundo têm amplos motivos de gratidão e muito a aprender com este mestre da política, em condições de grande tensão e polarização.

O que era a sua “*Ostpolitik*” – uma nova fórmula de política para com o Leste?

A desescalada, a redução de tensão são aspectos importantes, mas muito genéricos. Ele conseguiu apresentar ao Oriente, não só à *Deutsche Demokratische Republik-DDR* [República Democrática Alemã-RDA], mas também à Polónia, à Tchécoslováquia e à União Soviética, uma Alemanha Ocidental amistosa, não saturada de agressividade e rancor; um membro da OTAN, mas com uma face humana. A sua posição em relação às ditaduras, impostas contra a vontade do povo, era clara, contudo conseguiu relacionar-se com os alemães do leste, polacos, tchecos e russos. Quem visitasse assiduamente esses países poderia usar Brandt como prova que o Ocidente não era assim tão mau e ameaçador, malgrado os mísseis com ogivas nucleares que lhes estavam apontados. O seu predecessor, [Kurt Georg] Kiesinger, um velho nazi, na verdade enviava sinais desse tipo ameaçador. E no final, foi Willy Brandt, não Helmut Kohl, quem disse as palavras certas, não o triunfalismo do “nós vencemos”, mas o “agora crescemos junto aos que temos real afinidade”.

Brandt tornou mais fácil à Alemanha Oriental a aceitação do Ocidente, no tempo oportuno, com a aceitação do artigo 23.º da [Constituição] da Alemanha Federal, que considerava o território a Oriente como parte integrante do Ocidente. Ele tornou a Alemanha de Leste razoável ao ser ele próprio razoável. Brandt tornou possível o [Helmut] Kohl de 1989.

Tornou mais fácil ao Leste admitir, pelo menos a si próprio, as suas atrocidades, admitindo o mesmo para a Alemanha Ocidental. O estadista, de joelhos [*Kniefall*]<sup>3</sup>, no memorial da resistência judaica do Gueto de Varsóvia, no final dos anos 1970. Nem uma

---

<sup>2</sup> “Este texto foi preparado para o Simpósio de 29-30 de junho de 2012, em Erfurt, na Turíngia, Alemanha, em memória de Willy Brandt. No entanto fui ‘desconvidado’ sob a acusação de ‘anti-semitismo’. A acusação foi baseada em equívocos no debate sobre a complexa catástrofe Breivik, na Noruega. Não culpo ninguém pela retirada do convite; fizeram o seu trabalho. Eu entrei em zonas ‘tabu’ com o intuito de entender e explicar [o ocorrido], para evitar que tais horrores se repitam no futuro. Tais ‘zonas tabu’, no entanto, devem ser censuradas como antidemocráticas, pois privam-nos de lições do passado que nos permitam planear iniciativas construtivas para o futuro. Todos temos a perder: a Alemanha, Israel, e particularmente os judeus”. (Nota do autor)  
Publicado originalmente em *TRANSCEND Media Service*, no dia 06 de agosto de 2012. Tradução livre da responsabilidade de Fórum Abel Varzim, Lisboa, Portugal. Revisão: Antonio C.S. Rosa. Original disponível em: <http://www.transcend.org/tms/2012/08/portuguese-willy-brandt-vinte-anos-depois/>.

<sup>3</sup> Genuflexão de Varsóvia (de Willy Brandt).

palavra supérflua – pequena de mais para a enormidade do genocídio contra os Judeus –, mas um ato de humildade perante o fardo da culpa alemã e profunda solidariedade para com as vítimas. E um sinal, pode-se acrescentar, aos soviéticos, cujas tropas, estando na proximidade, tinham permitido o acontecimento, não vindo em socorro [dos defensores do Gueto].

Muitos foram os alemães expulsos do Leste, os “*Heimat-Vetriebenen*”<sup>4</sup>, que transferiram para Brandt o e seu ódio pelos autores da limpeza étnica acusando-o de alta traição. Eles confundiram a amizade [de Brandt] para com as pessoas, tomando-a como dirigida aos regimes. Confundiram a sua amizade para com as pessoas, por um “sim” aos regimes. Caindo na armadilha do velho ditado “o amigo do meu inimigo é meu inimigo também”, tão longe da ambiguidade e sutileza das coisas humanas. No entanto, também eles tinham boas razões para estarem agradecidos.

O próprio Brandt tinha vivido uma vida de incerteza. Nasceu em Lübeck, em 1913, como *Herbert Ernst Karl Frahm*, e cresceu em circunstâncias modestas – o que se refletiu no seu enorme esforço para melhorar o sistema de segurança social alemão, até aos mais minuciosos detalhes. Aderiu aos Jovens Socialistas e o Partido Socialista dos Trabalhadores, à esquerda do *SPD-Sozialdemokratische Partei Deutschlands* [Partido Social Democrata da Alemanha], de que mais tarde se tornou presidente, por 23 anos.

Em 1933, fugiu da perseguição nazi sob o nome falso de Willy Brandt. A Noruega tornou-se o seu segundo país, do qual adquiriu a cidadania em 1940 (tinha-lhe sido revogada a cidadania alemã); posteriormente, teve que fugir de novo, desta vez para a Suécia, visto que a Alemanha tinha ocupado a Noruega. Falava corretamente norueguês e sueco. Nós noruegueses estávamos um pouco preocupados com o que seu lado sueco, mas ele consolava-nos, dizendo uma vez em Goteborg, que sonhava em norueguês. Carlota Frahm era a melhor amiga de minha irmã, o nome Willy era para nós nome familiar. Havia muitos noruegueses que tinham histórias semelhantes para contar sobre o “nosso Willy”, sempre com carinho e respeito.

Tive o privilégio de encontrá-lo várias vezes, falando em norueguês. Ele com um inconfundível sotaque de Partido de Trabalhadores; o meu, mais burguês. A sua resposta, quando desafiado por um jornal conservador alemão, de que o seu programa não era socialismo puro, ou *reine Lehre* [teoria doutrinária]: “Os anos que passei na Noruega e na Suécia curaram-me disso.” Direto para a mente, não só para o coração, dos escandinavos.

Foi acusado de ser anti-alemão. Repetidas vezes.

---

<sup>4</sup> Alemães expulsos dos territórios entregues à Polónia.

Que alemão era ele ficou claro quando preso, em 1940, em farda norueguesa, pelas tropas alemãs que invadiram a Noruega, e ali se estabeleceram por 5 anos. Somente os fundamentalistas autoritários, com algo a esconder, podem abraçar ou rejeitar a 100 por cento fenômenos tão complexos como as nações e os Estados. Tal como os líderes da DDR (Alemanha de Leste) que acusavam todos os críticos de seu “socialismo realmente existente” de serem anti-socialistas.

Pior do que *Berufsverbot* [sem profissão], a recusa de colocação como professor(a) a quem fosse acusado de comunismo, que vai direto ao cerne da democracia que, entre outros fatores, é questionarmo-nos a nós próprios. Pior do que *Redeverbot* [não falar o indizível], este “anti-alemão” estava próximo de *Denkverbot* [não pensar o impensável].

Sempre que Willy revelava o seu pensamento havia polémica à sua volta, tanto detestando como admirando, e grande admiração.

Foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em 1971 pelos seus “apertos de mão” pacificadores com o Oriente. Mas na tradição deste prêmio ocidental, foi concedido apenas a ele, e não também a Brezhnev, visto que são precisos dois para um aperto de mão. Mas este prêmio tem muitas vezes o som de uma só mão batendo palmas.

O seu conceito de paz superou largamente esses acanhados limites: “A globalização de riscos e desafios – guerras, caos, autodestruição – requer uma ‘política interna mundial’ que se estenda, não só para além de campanários paroquiais, mas também, para muito além de fronteiras nacionais”.

Foi sem dúvida inspirado por outro dos grandes alemães do pós-guerra, Carl Friedrich von Weizsäcker. Tais ideias eram também refletidas na sua *Stiftung Entwicklung und Frieden-SEF* [Fundação para o Desenvolvimento e a Paz]. O Relatório Brandt sobre o desenvolvimento seguia mais os princípios ocidentais tradicionais, de cima para baixo, mas a ideia geral era uma “segurança social” difundida à escala global. Que era o “moto” do grande sueco que certamente conhecia muito bem, Gunnar Myrdal.

“A paz não é tudo, mas sem paz, tudo é nada”, dizia Brandt. Como é verdade!

E Willy Brandt é um monumento duradouro a esta ideia.

## 2. O mapa hexagonal do mundo multipolar<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Publicado originalmente em *TRANSCEND Media Service*, no dia 10 de setembro de 2012. Tradução livre da responsabilidade de Fórum Abel Varzim, Lisboa, Portugal. Revisão: Antonio C.S. Rosa. Original disponível em: <http://www.transcend.org/tms/2012/09/portuguese-o-mapa-hexagonal-do-mundo-multipolar/>.

Como é que enfrentamos, intelectualmente, o mundo de hoje?

Há algum tempo atrás, o mapa geopolítico era baseado no conflito direto Leste/Oeste, as duas superpotências EUA/URSS, e os seus aliados, sendo os não-alinhados neutros considerados como uma categoria residual. O mundo era bipolar. A implosão da URSS fê-lo unipolar, com uma “única superpotência sobrevivente”, 2-1=1. Como nos foi dito.

Hoje temos quatro grandes Estados: os três maiores em população, China-Índia-EUA, e o maior em território, Rússia. E ainda a UE, uma região com cinco estados de tamanho médio: Reino Unido-França-Alemanha-Itália-Espanha.

Mas há um outro polo no mapa geopolítico: o Islão.

A Organização para a Cooperação Islâmica (OIC) é menos homogênea, mas o maior de todos os polos, com 57 países desde Marrocos até Mindanau [nas Filipinas]. No meio, entre o Ocidente e o Oriente, com a Rússia ao norte, a OIC é um cinturão sul entre os dois.

O emergir do Islão no mapa geopolítico remonta ao final da Guerra Fria, que provocou um vazio na posição de inimigo, tanto do Ocidente, como dos EUA em particular. A perversa URSS, estava para os bons EUA, como Satanás para Deus. Tanto o Islão como a China tinham credenciais suficientes para que a construção bipolar pudesse recomeçar. Isto também serviu para cristalizar a China geopoliticamente, e fará o mesmo com a OIC; curto prazo e longo prazo, pura dialética.

Uma grande mudança em apenas duas décadas, 1989-2008, desde o final da Guerra Fria em Leipzig, até à Grande Depressão vinda de Wall Street. Não há como negar que os EUA e os seus aliados ocidentais e alguns outros, possuem um considerável poder de destruição cega, incluindo de morte. Mas as superpotências tinham impérios, com fiéis elites locais que lhes faziam a maior parte do trabalho. A URSS perdeu o seu império no início dos anos 90, o mesmo parece estar a acontecer agora com os EUA.

O que foi dito até aqui mostra-nos um mundo multipolar, mais exatamente hexagonal, com seis polos: dois a oeste, dois no meio, dois no Oriente.

O que nos leva a duas questões cruciais:

\* O que é que de melhor cada polo tem a oferecer pela paz?

\* O que é que de pior cada polo tem a oferecer pela paz?

As respostas são, no mínimo, questionáveis, mas vamos tentar:

O que oferecem de melhor/O que oferecem de pior:

Países/Blocos/ Associações	O que oferecem de melhor	O que oferecem de pior
-------------------------------	--------------------------	------------------------

EUA	novos começos	plutocracia geo-fascista
EU	comunidade de paz	tecnocracia
Rússia	desimperialização	autocracia
China	taoísmo capital-comunista	sino-centrismo
Índia	federalismo linguístico	sistema de castas
OIC	partilha fraterna	terrorismo

A coluna positiva não é má de todo:

EUA – criatividade, com novos começos individuais e coletivos. EU – uma comunidade em paz de velhos inimigos. Rússia – um discreto desmembramento do império. China – capital-comunismo, que combina crescimento com a promoção das classes sociais mais baixas. Índia – com seu federalismo linguístico. O Islão – com nossas-culturas e partilha.

A coluna negativa, muito ruim:

Os EUA – regidos pelo dinheiro matando em qualquer lugar. Uma UE – gerida por tecnocratas. A Rússia – governada por autocratas. A China – demasiado centralizada em si própria. A Índia – apegada às castas. O Islão – ao terrorismo.

O que acima dizemos servirá como introdução aos seis polos do drama global, *dramatis personae*. O projeto *Hexágono TRANSCEND*, que será elaborado respeitando o tradicional esquema diagnóstico-prognóstico-terapia, ou seja, análise, previsão e proposta. Exemplos de temas [a desenvolver]:

- Importância política das diásporas . A diáspora islâmica, de longe, a maior, 5% do total, em termos de comunicação, de poder, refém, da forma como se comportam e como são tratados. A diáspora ocidental será analisada pelo número de cristãos e judeus, em face dos outros. Serão feitos estudos separados de cada um deles, começando pela maior, ou seja, a diáspora do Islão no Ocidente, na Europa e nos EUA.
- Os seis serão analisados de acordo com suas mensagens para paz e desenvolvimento, seus pontos fortes, fraquezas e limitações, seus altos e baixos, e os seus melhores e piores aspetos; promotores ou contra-promotores, da paz e do desenvolvimento.
- As 15 relações bilaterais serão consideradas numa perspectiva macro-histórica. Exemplo: as relações entre a China e o Ummah<sup>6</sup> (500-1500 d.C.), a “rota da seda” marítima, e a conquista por portugueses e ingleses de Macau-Hong Kong. Poderá o Islão, uma religião

<sup>6</sup> No Islão, a comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo, unida pela crença em Alá, no profeta Muhammad (Maomé), nos profetas que o antecederam, nos anjos, na chegada do dia do Juízo Final e na predestinação divina.

abraâmica, servir como uma ponte, do Sul para o Oriente também hoje? E poderá a Rússia, cristã ortodoxa, servir como ponte a Norte?

- Os 15 pares serão analisados pelos traumas e reconciliações ocorridas no passado e pelas presentes contradições existentes e resoluções, tendo mesmo em consideração os piores aspetos. Apenas cinco são predominantemente negativos, mas há muitos preconceitos, como o anti-semitismo contra judeus, e muçulmanos e o anti-ocidentalismo – há muita discriminação a superar.
- Os 15 pares serão analisados em termos da cooperação e harmonia latentes; incluindo o que podem aprender uns com os outros, usando também os seus melhores aspetos.
- A sinergia dos “membros” do hexágono e suas relações produz tendências positivas e negativas para os diferentes tipos de globalização, holística e dialeticamente, com os atores externos do hexágono, como os BRICS<sup>7</sup>. Este novo começo da TRANSCEND dará origem a um fluxo de documentos de trabalho à medida que o projeto se desenvolver. Serão publicados na *Weekly Digest* do *TRANSCEND Media Service-TMS* e no *Canal da Paz TRANSCEND-TPC*.

Fiquem atentos!

### **3. Paz, direitos humanos e desenvolvimento num mundo multipolar em evolução<sup>8</sup>:**

Excelências,

O título para este 6º Fórum Social – no contexto dos 10 artigos da Declaração das Nações Unidas sobre o Direito ao Desenvolvimento de 04 de dezembro de 1986 – está muito bem escolhido.

O foco está no desenvolvimento *centrado nas pessoas* – em vez de no crescimento económico *centrado no sistema*.

E na globalização, um processo desafiador envolvendo todos os estados, regiões, nações e civilizações, os seres humanos e a natureza – em oposição a um mercado

---

<sup>7</sup> Países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China.

<sup>8</sup> Palestra proferida no *Conselho do Fórum Social dos Direitos Humanos*, em Nova Iorque, no dia 01 de outubro de 2012. Publicado originalmente em *TRANSCEND Media Service*, no dia 15 de outubro de 2012. Tradução livre da responsabilidade de Fórum Abel Varzim, Lisboa, Portugal. Revisão: Antonio C.S. Rosa. Original disponível em: <http://www.transcend.org/tms/2012/10/portuguese-paz-direitos-humanos-e-desenvolvimento-num-mundo-multi-polar-em-evolucao/>.



globalizado, com apenas três vertentes livres, capital, bens e serviços, *não trabalho*, o que aumenta o fosso da globalização económica.

E isto, no contexto de pobreza infrene, alargando as desigualdades dentro dos estados, as crises económicas ocasionadas pela desconexão entre a economia real e a ávida economia financeira, o crescente desemprego, as tensões populares.

O mapa de ontem, dividindo o mundo em países desenvolvidos e em desenvolvimento, não faz mais sentido quando muitos dos “desenvolvidos” estão em des-desenvolvimento, declinando, e muitos dos “em desenvolvimento”, emergem – como os BRICS – cruzando-se na sua ascensão com os outros em queda. Um mundo novo.

Permitam-me que apresente doze teses que abordam esta grave situação.

**Tese 1:** Podem satisfazer-se as necessidades humanas básicas, mas a unidade básica de desenvolvimento não é nem o indivíduo a quem damos um subsídio nem um país inteiro a que subsidiamos o orçamento. A unidade básica está ao nível local das aldeias em vizinhança, a partir das mais pobres, e dentre estas começando com as mais débeis, puxando-as do fundo [do poço]. Alimentar “gota a gota” não funciona, “bombear para cima” talvez sim.

**Tese 2:** Mas os direitos sócio-econômicos não devem ser alcançados à custa dos direitos cívicos e políticos. Desde o seu íntimo as comunidades devem organizar-se democraticamente no sentido de haver transparência no processo de desenvolvimento, diálogo para o consenso, e debates para o exercício do voto. A democracia não é apenas um direito, mas também uma necessidade de auto-expressão e dignidade, “a minha voz faz a diferença”.

**Tese 3:** O exterior, a sociedade civil, pública e privada e os setores técnicos que fornecem os recursos de capital e meios técnicos têm de dialogar com o interior. A coordenação é uma tarefa comum, dos órgãos eleitos ou administrativos, ongs, igrejas, etc. em diálogo permanente.

**Tese 4:** O microcrédito não deve ser dado a indivíduos, mas a microempresas locais, desde que: 1) a empresa produza bens para a satisfação de necessidades básicas, e que; 2) os seus funcionários sejam os mais necessitados, com fome, com sede, mal vestidos e mal alojados, doentes e/ou analfabetos. A questão não é a eficiência, mas decência e dignidade para com os mais necessitados.

**Tese 5:** A satisfação das necessidades básicas, mesmo rapidamente, é possível:

- Alimentação – cultivando a alimentação necessária em terrenos públicos, mas de uso privado, por cooperativas, com pontos de venda, utilizando tecnologias antigas e novas (combinando agrícola e aquacultura, em base tridimensional), transporte em curtas distâncias de para um meio ambiente sustentável, produzir se possível, localmente, não apenas os bens alimentares, mas também os próprios meios de produção;
- Água – destilando água do mar com energia solar e espelhos parabólicos, acrescentando minerais, e utilizando tubagem para o transporte de água, não apenas para o petróleo;
- Alojamento – blocos residenciais estandardizados facilmente montáveis e desmontáveis, baratos, como contentores cúbicos, e materiais locais, adaptáveis às necessidades variáveis das famílias, em terrenos públicos de uso privado;
- Saúde – proporcionando água potável para todos, uma densa rede de policlínicas, médicos e enfermeiros “pé-descalço”, medicamentos genéricos, hospitais regionais e helicópteros para as emergências;
- Educação – proporcionar educação para todos, não só para as crianças, alfabetização para os que pertencem ao mundo dos símbolos; convidando estudantes ou profissionais [de educação] a viver durante meio ano, ou isso, em aldeias necessitadas, uma densa rede de escolas interconectadas pela internet, e transportes económicos.

**Tese 6:** Além disso, como os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio estipulam:

- Foco na igualdade de género: a educação é uma abordagem comprovada, tornando-a obrigatória para além do nível elementar, e assumindo que seja gratuito, teremos a garantia, em princípio, de que a igualdade se manterá muito além da idade escolar;
- Foco no meio ambiente: precisamos de uma mudança maciça no [processo] esgotar/poluir, com tecnologias à base de petróleo/gás/carvão mudando para outras formas de energia com base no sol/vento/água (quedas de água, marés, ondas), bio/geo/hidrotermal, aplicando multas e incentivos, igualizando o acesso à energia;
- Foco da equidade global: desenvolvendo a autoconfiança local, nacional e regional na produção de bens e serviços para as necessidades básicas e as necessidades de consumo e normais – não luxos; equidade intra – em vez de inter – setorial (recursos conta recursos, produtos contra produtos, serviços contra serviços); proteção tarifária para os setores

fracos; anulando créditos não destinados prioritariamente para atender as necessidades básicas, obtidos de forma não democrática.

**Tese 7:** A satisfação das necessidades básicas da mais necessitados é uma pedra de toque não negociável do *direito ao desenvolvimento*. Quais são os obstáculos a ser eliminados? Patologias sociais e globais, como a indisponibilidade de capital com baixa remuneração, para os mais necessitados, sem poder de compra; a democracia poderá funcionar mal quando a maioria se torna classe média sem solidariedade com os pobres; obsessão ideológica com o sistema mercado; o desejo de manter os miseráveis em tarefas miseráveis; minorias receosas de perder os seus privilégios; a classe média-alta sentindo-se menos alta quando a distância diminui; e então o medo final.

“Irão eles tratar-nos da mesma forma como os temos tratado, se eles se aproximarem”. Então: façamos subir os que estão no fundo, sem ameaçar os de cima, salientando as vantagens de uma sociedade justa para todos.

A tese 5 responde a isto. Em países homogêneos, taxar os ricos para promover os pobres poderá resultar, mas a maior parte dos países não são homogêneos.

A classe média-alta alto deve estar disposta a viver em sociedades com igualdade para ambos os sexos, de todas as cores, para os idosos/de meia-idade/jovens, com várias nacionalidades; não mais governadas por elites de homens, brancos, de meia-idade e de uma única nação dominante. Mas os outros precisam saber que os que pertencem às classes altas, também são os seres humanos, não apenas os “parasitas”. Focarmo-nos apenas nos direitos dos mais pobres, exclui preparar os privilegiados para o inevitável, para o prazer de viver em diversidade e igualdade.

**Tese 8:** Estes obstáculos levam muitos a duas conclusões: internamente, uma revolução para dar à metade inferior de uma oportunidade, sem oposição, da metade de superior; e, globalmente, afastar-se do sistema dominante. Compreensível, mas para implementar o direito ao desenvolvimento, há que contornar essas políticas por meio de mais igualdade elevando o nível inferior da sociedade, e mais equidade entre os Estados com a autossuficiência, e comércio orientado para mútuo e igual benefício. As duas convenções sobre direitos humanos, de 16 de dezembro de 1966, podem ser realizadas em conjunto. Como tem dito o *direito ao desenvolvimento* várias vezes: Os direitos são indivisíveis e interdependentes.

**Tese 9:** Há necessidades básicas para além sobrevivência e bem-estar; liberdade e identidade fazem também parte do bem-estar básico humano. Alcançar as necessidades somáticas básicas é um imperativo, mas o mesmo se aplica à necessidade de liberdade mental de escolha no modelo de desenvolvimento, para sentir a sua própria identidade, para se sentir em casa. Impor modelos de desenvolvimento ocidentais, liberalismo (crescimento, direito ocidental, direitos humanos individuais, democracia com eleições multipartidárias de acordo com a regra da maioria), marxismo (necessidades somáticas essenciais), ou ambos (crescimento e partilha, como nos países nórdicos de bem-estar), como o único modelo universal é um insulto aos povos, no mundo globalizante de sete bilhões de pessoas.

Há modelos islâmicos centrados na “dimensão comunitária, cultura do nós, partilha (*zakat, ramadan*)”, e modelos budistas baseados no “nem de menos (base mínima para atender as necessidades básicas) nem de mais (limite superior), libertando o povo de preocupações económicas, para o desenvolvimento espiritual”.

E ainda modelos ecléticos japoneses e chineses empenhados em superar as falsas dicotomias ocidentais, como trabalho *versus* capital, e capital *versus* Estado, mais focados harmonia social e do mundo. Impor um modelo único não é globalização, mas ocidentalização, no antigo espírito missionário, colonial e imperialista, hoje inaceitável. Esses modelos não se excluem mutuamente, mas complementam-se. Podem estar centrados em bons atos de omissão, não só pela exclusão de maus atos segundo o direito ocidental, na promoção dos direitos coletivos das pessoas, e não apenas nos dos indivíduos, na democracia pelo diálogo-consenso, não só para no debate-voto-governo da maioria. Sábia política: tirar o melhor de tudo, selecionar, extrair, usar a globalização positivamente! Há boas ideias em toda parte.

**Tese 10:** Temos indicadores do crescimento económico (PIB) e das necessidades básicas (IDH, com base em saúde e educação); precisamos de indicadores para promover e monitorizar a implementação dos direitos humanos. Felizmente, o Alto Comissariado para os Direitos Humanos tem feito um trabalho no sentido de abrir pistas nessa direção ([hriindicators@ohchr.org](mailto:hriindicators@ohchr.org)). Os indicadores sobre o direito ao desenvolvimento devem ser, pelo menos, tão bem conhecidos como o PIB.

**Tese 11:** Um desenvolvimento centrado nas pessoas mudará a sociedade; reduzindo a violência estrutural – exploração, penetração, segmentação, fragmentação, marginalização – e construindo uma paz estrutural, significando equidade, mutualidade, integração, solidariedade, inclusão. Muitas sociedades têm já um bom nível de paz estrutural, às vezes ameaçada, mesmo destruída, pela imposição de modelos de desenvolvimento ocidentais, baseadas na competição. Elevando o nível inferior da sociedade, sem ameaçar a cúpula conduzirá a sociedade para a paz estrutural, sem violência revolucionária direta vinda de baixo, ou violência contrarrevolucionária direta vinda de cima. Mas tem de haver diálogo, e a classe superior estar preparada para quando diminuir o fosso entre as diferenças de gênero, raça e classe. Os direitos dos menos favorecidos surgem acompanhados pela responsabilidade de preparar os privilegiados para partilharem o poder e os privilégios. Um direito concedido a uma parte é também parte de um conflito entre aqueles que querem cumprir a lei e aqueles que se lhe opõem. Persuasão e negociação tornam o desenvolvimento centrado-nas-pessoas compatível com a paz; a força não.

**Tese 12:** A globalização implica mudanças na sociedade global, até mesmo no sentido de uma redução da violência estrutural – exploração, auto-colonização muitas vezes presente nos países dependentes, a absurda divisão de trabalho entre recursos especializados e bens de consumo, os países pobres relacionando-se com os ricos e não uns com os outros, clubes exclusivos apenas para os países ricos. A estrutura da paz global implica trocas justas para mútuo e igual benefício, desafios justos no desenvolvimento e no meio ambiente, autonomia, integração, menor divisão no trabalho, solidariedade com os que estão no mesmo nível e com aqueles que não estão, bem como com aqueles que vivem na pobreza em qualquer lugar, regionalização também para os países em desenvolvimento, usando a ONU para dialogar. Persuasão e negociação tornam a globalização compatível com a paz; força não.

A ordem velha desapareceu. A questão não é quem está agora no cimo, mas como chegar a uma ordem mundial justa, sem ninguém no topo.

Recebido em: Outubro/2012

Aprovado em: Dezembro/2012